

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

VOLUME IV



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1965

**NOTÍCIAS DO INSTITUTO  
E DE CONÍMBRIGA**

(Página deixada propositadamente em branco)

**OFERTA, PELO SENHOR J. M. CORDEIRO DE SOUSA,  
DA SUA COLECÇÃO DE LIVROS SOBRE EPIGRAFIA**

A biblioteca do Instituto foi enriquecida com a doação, pelo ilustre epigrafista Senhor J. M. Cordeiro de Sousa, de uma notável colecção de obras sobre epigrafia latina, medieval e moderna. Transcrevemos a carta que, em 15-11-1962, o Senhor J. M. Cordeiro de Sousa nos dirigiu:

*Ex.<sup>mo</sup> Senhor  
Director do Instituto de Arqueologia  
da Faculdade de Letras da Universidade de  
Coimbra:*

*Tenho a honra de oferecer a esse Instituto os livros que formavam a minha colecção epigráfica.*

*Com o oferecimento desses livros, reunidos durante muitos anos com natural carinho, quero prestar a minha homenagem a esse Instituto, em cuja biblioteca a sua consulta poderá ser útil aos investigadores que se dedicam ao estudo, tão aliciante, dos problemas de epigrafia.*

*Com a mais alta consideração sou*

*De V. Ex.<sup>ã</sup>  
Admirador muito grato*

**J. M. CORDEIRO DE SOUSA**

A secção de epigrafia da nossa biblioteca, lamentavelmente pobre, foi, graças a esta generosa oferta, enriquecida com um conjunto seleccionado de volumes e separatas de artigos de revistas. Depois de urna vida de laborioso estudo de inscrições particularmente medievais, o Senhor J. M. Cordeiro de Sousa oferece a sua colecção para que os outros possam servir-se das mesmas obras que lhe permitiram escrever tantos e tão bem documentados trabalhos.

Estamos certos de que, desfazendo-se desta parte da sua biblioteca, o Senhor J. M. Cordeiro de Sousa não põe, porém, termo à sua vida de investigador, e continuará ainda por muitos anos a ocupar-se da nossa epigrafia e a transmitir-nos o resultado dos seus estudos. Neste volume de *Conímbriga*, revista em que não publicamos senão trabalhos de arqueologia pré-histórica e arqueologia, epigrafia e numismática romanas, abrimos uma excepção para incluir o estudo, que tanto nos honra, do Senhor J. M. Cordeiro de Sousa sobre *Marcas de canteiros medievais*. Aqui lhe manifestamos o nosso muito reconhecimento.

#### INAUGURAÇÃO DO MUSEU MONOGRÁFICO DE CONIMBRIGA

Os trabalhos de escavação e de restauro dos mosaicos em Conímbriga intensificaram-se de 1955 em diante, graças ao interesse de Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas, Engenheiro Arantes e Oliveira. Desse ano, pode dizer-se que abriu uma nova fase na história das ruínas.

As primeiras escavações em Conímbriga realizaram-se nos últimos decénios do século xix. Foram promovidas pela Secção de Arqueologia do *Instituto de Coimbra* e patrocinadas pela Rainha Senhora D. Amélia. Mestre António Augusto Gonçalves foi o principal empreendedor desses trabalhos, que visavam a enriquecer o museu daquela academia, mais do que a patentear ao público as ruínas da cidade morta.

As escavações sistemáticas começaram em 1930, após a aquisição, pela Faculdade de Letras de Coimbra, de uma parcela de terreno no interior das muralhas. O Dr. Virgílio Correia orientou as escavações até 1944, ano da sua morte. Nesses anos se escavaram alguns edifícios,

aliás modestos, nos terrenos da Faculdade; uma grande casa de habitação contígua à muralha, do lado poente desta; diversos edifícios comerciais e industriais intramuros; o grande palácio extramuros; e ainda duas outras casas de habitação, destruídas aquando da edificação da muralha, a sul da calçada que conduzia às portas da cidade.

Os trabalhos não pararam com a morte do Dr. Virgílio Correia, embora se tenham tornado mais lentos. De 1955 para cá, porém, acelerou-se o ritmo da consolidação, adquiriu-se todo o terreno situado intramuros, fizeram-se sondagens, escavaram-se as termas públicas e deu-se realização a um projecto antigo: construiu-se, junto das ruínas, um museu monográfico. Realizados pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, estes trabalhos foram acompanhados pelo Dr. J. M. Bairrão Oleiro na qualidade de delegado da Junta Nacional de Educação.

Os materiais encontrados nas escavações promovidas pelo *Instituto* guardavam-se no museu particular desta instituição e foram, quando esse pequeno museu foi extinto, incorporados nas colecções do Museu Machado de Castro, de Coimbra. Para aqui foram transportados também os achados feitos pelo Dr. Virgílio Correia e os materiais encontrados nas escavações posteriores à sua morte. A abundância dos achados feitos e, sobretudo, a daqueles que se podiam prever de futuras escavações, aconselhavam a edificação de um museu. Pensou-se na adaptação de alguns dos edifícios romanos postos a descoberto, mas esta solução foi, e muito bem, logo rejeitada. Havia que erguer de raiz, perto das ruínas mas em local sem restos de construções romanas, um edifício onde se pudesse expor uma selecção das peças encontradas, mas que comportasse também reservas, laboratório de conservação e restauro de peças arqueológicas, câmara-escura, etc.. O crescente afluxo de turistas aconselhava ainda um restaurante.

A elaboração do projecto foi confiada ao Arquitecto Amoroso Lopes. Riscou este um edifício de sugestão clássica pelo seu pórtico de entrada e pela ausência de janelas nas salas de exposição, iluminadas por luz zenital. Com esta parte do edifício não briga a modernidade da casa de chá, situada na parte ocidental da construção, com largas janelas envidraçadas e uma varanda donde a vista domina as ruínas e a funda ravina do Rio dos Mouros.

O Museu foi entregue pelo Ministério das Obras Públicas ao da Educação Nacional e inaugurado a 10 de Junho de 1962. Foi ministro

entregante o Engenheiro Arantes e Oliveira, cuja infância decorreu nas vizinhanças de Conimbriga e a quem as ruínas tanto devem.

Quis a sorte que tenha sido um professor da Faculdade de Letras de Coimbra, o Doutor Manuel Lopes de Almeida, o Ministro da Educação Nacional a recebê-lo. Transcrevemos do *Diário da Manhã* de 12 de Junho o texto do seu discurso:

«Há mais de trinta anos a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com plena consciência do valor desta nossa estação arqueológica, retomou com a modéstia dos seus recursos mas com verdadeiro entusiasmo as escavações que há longo tempo estavam suspensas. Adquiriu, então, uma pequena parcela de terreno e nomeou uma comissão para conduzir as novas pesquisas, à frente da qual estava o professor Dr. Virgílio Correia. A Faculdade de Letras, com tal iniciativa, procurava estabelecer em Conimbriga um campo de preparação de futuros arqueólogos, dando aos seus estudantes a prática adequada e complementar dos estudos teóricos.

Desde logo, os resultados das novas pesquisas corresponderam ao pensamento que orientara a Faculdade, pelo valor dos achados mas, sobretudo, pelo método que presidiu à exploração. Ao contrário do que havia sido praticado sobre o terreno no século passado, em que a actividade da exploração era quase só considerada pelo desejo de coleccionar espécimes dos tempos remotos, o espírito que impulsionou os novos trabalhos iria corresponder aos modernos conceitos de que se revestia a investigação arqueológica. E por isto a arqueologia deixava de ser uma arte, ou se quiserem uma preocupação de apenas exumar monumentos e objectos destinados a morrer novamente nos museus, para se tornar numa ciência de rigor metódico, e carácter específico, enfim, uma ciência que retornava à vida o homem que habitou, construiu, pensou e sofreu nestas paragens e deixou da sua existência testemunhos muito valiosos.

Em breve se esgotaram os recursos da Faculdade de Letras, mas já então a influência do Dr. Virgílio Correia e o espírito de compreensão que felizmente dominava a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais — e que justamente devemos assinalar na sua actual intervenção diligente e fecunda — essa influência e esse espírito se conjugaram para um largo impulso na actividade exploradora do «oppidum» de Conimbriga.

«Mas a valiosa intervenção do Ministério das Obras Públicas não ficou por aí, porque em breve as obras de restauro, de conservação, valorização e enriquecimento e a abertura dos acessos à cidade antiga davam a nota exacta de quanto lhe íamos devendo. Em breve, a opulência que se manifestava em Cónimbriga, como uma das mais importantes estações arqueológicas do Mundo, despertou a ideia da aquisição de todo o espaço reconhecido como sua implantação. Isto se conseguiu afortunadamente, preservando para o futuro que quaisquer sondagens dentro da área da cidade se efectivassem à margem do método científico que sempre tem de seguir-se.

Faltava, porém, que o «oppidum» fosse dotado com o seu próprio museu. Ei-lo aqui, técnicamente estudado, airoso nas suas linhas nobres, a chamar os estudiosos das nossas antigualhas, na inserção quase rude da paisagem, uma nota de fina concepção arquitectural, sobretudo uma lição a extrair dos testemunhos duma vida remota a aproximar-nos por deduções do espírito de almas extintas pela reconstituição de existências milenárias.

O Museu Monográfico de Conimbriga é o único no seu género no nosso País, mas exemplos como este, em sua dignidade, riqueza documental e apetrechamento técnico, são raríssimos, mesmo por esse mundo além. Ainda há muito pouco tempo, Henri-Paul Eydoux, referindo-se à instalação em 1960 do primeiro «Antiquarium» em França, exactamente na colina de Cimiez, perto de Nice, escreveu o seguinte:

«É uma ideia excelente fazer museus junto dos lugares de escavações. ... Quantos objectos parecem verdadeiramente desterrados quando são afastados do quadro que era o seu! Dir-se-ia que estiolam, que perdem o seu sabor original...».

Pois graças à formosa ideia de conservar no ambiente próprio os testemunhos da vida remota de Conimbriga, estes retomam desde hoje o sabor original, e a concretização de tal objectivo a devemos ao Ministro das Obras Públicas. É para a sua ilustre pessoa e para o seu alto espírito que o nosso agradecimento deve dirigir-se de forma muito calorosa».



## ESCAVAÇÕES EM CONIMBRIGA

Em 1964 iniciaram-se em Conimbriga escavações luso-francesas. Promovidas pelo Museu Monográfico de Conimbriga e pela Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Bordéus, estas escavações, dirigidas pelo Prof. Robert Étienne e pelo Dr. J. M. Bairrão Oleiro, respectivamente, catedrático de História Romana daquela Faculdade e director daquele Museu, devem durar cinco anos. Subsidiadas pelo Governo Francês, pela Fundação Calouste Gulbenkian e pelo Ministério da Educação Nacional (por verba inscrita no orçamento ordinário do Museu), estas escavações têm por objectivo localizar e pôr a descoberto o «forum» da cidade, bem como revelar uma parte residencial e comercial de Conimbriga entre o «forum» e o edifício, já posto a descoberto mas ainda inédito, das termas públicas da cidade. No fim da segunda campanha, realizada em Setembro de 1965, pode já dizer-se que o «forum» foi descoberto e parcialmente escavado. É todavia muito ruinoso o estado em que se encontra, pois a maior parte da pedra dos muros foi roubada e não se encontrou nem uma só coluna do pórtico circundante da praça. Os alicerces permitirão todavia reconstituir a planta deste primeiro «forum» escavado em Portugal.

A parte habitacional e comercial já escavada apresenta numerosos níveis, desde os séculos I ou II d.C., época da sua construção, até à época visigótica, com seus muros de pedra vã e chãos de terra batida. Os achados de cerâmica são numerosos e permitirão apresentar uma considerável tipologia da cerâmica comum luso-romana. É também abundante a sigillata sudgálica e hispânica neste sector habitacional, bem como cerâmica da época visigótica. Embora Conimbriga tenha sido ocupada nos fins do século n a.C. aquando das campanhas de Décimo Júnio Bruto, são muito raros, até agora, os achados pré-flavianos e nenhuns, aparentemente, os da Idade do Ferro.

Uma árula dedicada ao *Genio Conimbrigae*, encontrada na campanha de 1965, provaria, se disso houvesse necessidade, que Conimbriga foi correctamente localizada pelos nossos eruditos do século passado. As dúvidas que havia àcerca da localização de Conimbriga e Aeminium foram todavia resolvidas há muito pelo aparecimento

em Coimbra da lápide a Constância Cloro erguida pelos aemienses.

Com excepção de pequeno relatório que foi apresentado em Novembro deste ano à Academie des Inscriptions et Belles-Lettres de Paris pelo Prof. Robert Étienne e Dr. Bairrão Oleiro, não se prevê nenhuma publicação dos resultados das escavações antes da sua conclusão.